

	Colégio Estadual Dr. Eduardo Bahiana
	Data: 12 / 09 / 2019
	Aluno:
	Professor: Manuel Antonio
	Disciplina: Filosofia Turma:
	Disciplina: Filosofia Turma:

ATIVIDADE INDIVIDUAL DE FILOSOFIA COM CONSULTA 3º Ano 2019
3ª Unidade

1. (Ufmg 2013) Leia a seguinte passagem do texto de Hume, *Do padrão do gosto*:

Procurar estabelecer uma beleza real, ou uma deformidade real, é uma investigação tão infrutífera como procurar determinar uma doçura real ou um amargor real. Conforme a disposição dos órgãos do corpo, o mesmo objeto tanto pode ser doce como amargo, e o provérbio popular afirma com muita razão que gostos não se discutem. É muito natural, e mesmo absolutamente necessário, aplicar este axioma ao gosto mental, além do gosto corpóreo, e assim o senso comum, que tão frequentemente diverge da filosofia [...], ao menos num caso está de acordo em proferir idêntica decisão.

(HUME, David. Do padrão do gosto. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1992, p. 262).

O trecho acima corresponde a uma passagem na qual Hume procura descrever a posição de alguns filósofos seus contemporâneos para os quais o gosto é uma expressão de certos sentimentos e, desse modo, não comporta uma decisão em termos de verdade ou falsidade, como ocorre no caso de outros juízos nos quais emitimos nossas opiniões. Essa posição, caso fosse correta, impossibilitaria o estabelecimento de um padrão de gosto, ou seja, de uma regra capaz de conciliar as diversas opiniões dos homens no que diz respeito ao valor de uma obra de arte, por exemplo. Segundo Hume, essa posição coincide com o famoso provérbio de que **gosto não se discute**, o qual, por sua vez, parece refletir o pensamento da maior parte das pessoas, ou seja, do senso comum.

- A partir do que foi dito acima, e com base em outras informações contidas no texto, APRESENTE os argumentos de Hume que problematizam esse famoso provérbio.
- Com base em suas próprias experiências, APRESENTE e JUSTIFIQUE a sua posição pessoal em relação a esse mesmo provérbio.

2. (Ufmg 2013) Os filósofos têm procurado resolver dilemas morais recorrendo a princípios gerais que permitiriam ao agente encontrar a decisão correta para toda e qualquer questão moral. Na filosofia moderna foram apresentados dois princípios dessa natureza, que podem ser formulados do seguinte modo:

- Princípio do Imperativo Categórico: *Age de modo que a máxima de tua ação possa ao mesmo tempo se converter em lei universal*
- Princípio da Maior Felicidade: *Dentre todas as ações possíveis, escolha aquela que produzirá uma quantidade maior de felicidade para os afetados pela ação.*

Imagine a seguinte situação:

Um trem desgovernado vai atingir cinco pessoas que trabalham desprevenidas sobre os trilhos. Alguém observando a situação tem a chance de evitar a tragédia, bastando para isso que ele acione uma alavanca que está ao seu alcance e que desviará o trem para outra linha. Contudo, ao ser desviado de sua trajetória, o trem atingirá fatalmente uma pessoa que se encontra na outra linha. O observador em questão deve tomar uma decisão que altera significativamente o destino das pessoas envolvidas na situação.

Essa situação é típica de um dilema moral, pois qualquer que seja a nossa decisão, ela terá implicações que preferiríamos evitar. Considere os princípios morais **I** e **II** acima e RESPONDA às seguintes questões:

- Se o observador em questão fosse um adepto do Princípio **I**, ele deveria ou não alterar a trajetória do trem? Como ele justificaria a sua decisão?
- Se o observador em questão fosse um adepto do Princípio **II**, ele deveria ou não alterar a trajetória do trem? Como ele justificaria a sua decisão?

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

“Mas eu, o que sou eu, agora que suponho que há alguém que é extremamente poderoso e, se ousar dizê-lo, malicioso e ardiloso, que emprega todas as suas forças e toda a sua indústria em enganar-me? Posso estar certo de possuir a menor de todas as coisas que atribuí há pouco à natureza corpórea? Detenho-me em pensar nisto. Com atenção, passo e repasso todas essas coisas em meu espírito, e não encontro nenhuma que possa dizer que exista em mim. Não é necessário que me demore a enumerá-las. Passemos, pois, aos atributos da alma e vejamos se há alguns que existam em mim. Os primeiros são alimentar-me e caminhar; mas, se é verdade que

não possuo corpo algum, é verdade também que não posso nem caminhar nem alimentar-me. Um outro é sentir; mas não se pode também sentir sem o corpo; além do que, pensei sentir outrora muitas coisas, durante o sono, as quais reconheci, ao despertar, não ter sentido efetivamente. Um outro é pensar; e verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo em que eu penso; pois poderia, talvez, ocorrer que, se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir. Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente desconhecida. Ora, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? (...) Eu não sou essa reunião de membros que se chama o corpo humano; não sou um ar tênue e penetrante, disseminado por todos esses membros; não sou um vento, um sopro, um vapor, nem algo que posso fingir e imaginar, posto que supus que tudo isso não era nada e que, sem mudar essa suposição, verifico que não deixo de estar seguro de que sou alguma coisa.”

(Descartes, *Meditações*, Meditação Segunda, § 7)

3. (Ufpr 2013) Para Descartes, o que é mais fácil conhecer: nosso espírito ou o que lhe é exterior? Por que um e não o outro?

4. (Ufpr 2013) No texto acima, Descartes emprega um tradicional procedimento filosófico, que consiste em identificar as coisas por meio de seus atributos. Por meio desse procedimento, ele identifica duas espécies de coisas (substâncias). Quais são essas duas espécies de coisas (substâncias) assim identificadas e quais os principais atributos de cada uma delas?

5. (Ufmg 2012) Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irmanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Trad. de A. Lorencini e E. del Carratore. São Paulo: Editora da UNESP, 2002. p. 25-27.

Com base na leitura desse trecho e considerando outros elementos contidos na obra citada, explique em que medida a representação que se faz dos deuses influencia na busca da felicidade.

6. (Ufu 2012) Leia os excertos abaixo.

I. O levante dos escravos na moral começa quando o ressentimento mesmo se torna criador e pare valores. [...] a moral de escravos precisa sempre, para surgir, de um mundo oposto e exterior [...] – sua ação é, desde o fundamento, por reação. [...] o homem do ressentimento não é franco nem ingênuo, nem mesmo honesto e direto consigo mesmo. Sua alma se enviesa: [...] tudo o que é escondido lhe apraz como seu mundo, sua segurança, seu refrigério; ele entende de calar, de não esquecer, de esperar, de provisoriamente apenar-se, humilhar-se.

II. O inverso é o caso da maneira nobre de valoração: ela age e cresce espontânea, procura por seu oposto somente para, ainda com mais gratidão, ainda com mais júbilo dizer sim a si própria. [...] como homens plenos, sobrecarregados de força e, em consequência, necessariamente ativos, não sabiam separar da felicidade o agir – o estar em atividade é por eles incluído e computado, com necessidade, na felicidade.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Primeira Dissertação, §10*. In: *Os filósofos através dos textos: de Platão a Sartre*. São Paulo: Paulus, 1997.

- Qual espécie de moral, segundo a concepção nietzschiana, está expressa no excerto **I** e qual espécie de moral está expressa no excerto **II**?
- Quais as características de cada uma dessas morais, segundo Nietzsche? Cite pelo menos 3 características de cada uma delas.

Gabarito:

franqueza, lealdade, ingenuidade, alegria, criação de valores a partir de si mesmo, saúde.

Resposta da questão 1:
Para Hume, a) existe muita razão no provérbio que afirma os gostos não serem discutíveis, isso porque a busca pelo estabelecimento de uma beleza real, de uma feiura real, é tão inapropriada quanto a busca pelo doce real ou o amargo real, quer dizer, é tão inapropriada quanto a busca pela definição exata daquilo que se define unicamente em relação com algo. O doce nunca é exatamente doce, mas doce enquanto se tem uma percepção sensível que nomeia isso doce. O belo funcionaria do mesmo modo e, por conseguinte, seria algo relativo ao momento da percepção e não a uma qualidade essencial.
Observando a experiência comum, b) posso constatar como sempre em uma discussão entre amigos, ou até desconhecidos, surge a impossibilidade de definições fundamentais de acordo com as quais reconheceríamos conjuntamente o belo universal. E a simples existência de inúmeros tipos de arte (variadas pinturas, esculturas, músicas, etc.) já apresenta o sublime de múltiplas maneiras dependentes de contextualizações e da relação entre o homem e o universo. Dizendo de maneira direta, o sublime é resultado de processo construído de modo empírico através da mudança do relacionamento entre indivíduo e coisa que se transforma em um relacionamento particular, talvez comunicável, entre sujeito e obra de arte.

Resposta da questão 2:
Primeiramente, devemos ter consciência da perversidade dessa questão. No caso de A, o observador, se for seguir a regra moral kantiana, simplesmente não poderá tomar nenhuma das decisões indicadas no enunciado, pois em ambos os casos a sua ação não poderá ser universalizada. Se ele proteger o indivíduo que está na outra linha de trem, ele matará todos os outros que estão trabalhando desprevenidos; e se ele salvar todos os outros ele irá, todavia, assassinar o que está inocentemente na linha ao lado. Portanto, ele não teria como universalizar a sua ação, pois esta ação sempre realizaria um homicídio e é impensável a universalização de uma ação que cause um homicídio. No caso de B, o raciocínio é similar, pois se a ação escolhida deve ser aquela cuja felicidade dos envolvidos seja a maior possível, então, como todas as escolhas do observador afetam fatalmente pelo um dos envolvidos, não seria possível para o observador escolher uma ação que resulte na felicidade de todos os envolvidos.

Resposta da questão 3:
A resposta obviamente está no fato de que sobre todas as coisas, em primeiro lugar as coisas extensas, há dúvida e, por conseguinte, não há como estabelecer qualquer certeza sobre o mundo. Porém, ao meditar, encontro uma coisa a respeito do espírito sobre a qual eu não posso duvidar e adquirei nisso uma primeira certeza, a saber, *eu penso, eu existo*.
Desse modo, conhecer o espírito é mais fácil, pois é a primeira coisa a aparecer para aquele que medita e é somente posteriormente, quando se achar um modo de sustentar a existência das coisas exteriores sem o fantasma da dúvida, que o conhecimento sobre as coisas extensas se dará. Essa passagem para o exterior acontece após o *cogito* com a prova da existência de Deus a partir da terceira meditação.

Resposta da questão 4:
No texto acima, a única espécie de coisa identificada é a *res cogitans* e não se faz, no momento da meditação exposto, nenhuma atribuição a ela, isto é, não se diz nada sobre o pensamento além da sua existência como coisa. No texto indicado a *res cogitans* é apenas aquilo que resta sobre aquele que medita, aquilo que resta por não ser afetado pelo poder do gênio maligno; nessa ocasião, a meditação somente assegura que o eu é coisa pensante, nada mais. Porém, posteriormente – bem posteriormente –, Descartes irá admitir a realidade efetiva da extensão e, consequentemente, irá se afirmar também a existência da *res extensa*.
Brevemente, a *res cogitans* recebe as atribuições da consciência, ou seja, as afecções, as paixões, a imaginação, as ideias, etc., já a *res extensa* recebe as atribuições do corpo, ou seja, ele tem forma, tamanho, dureza, cheiro, etc.

Resposta da questão 5:
Segundo a filosofia epicurista, o homem chega à felicidade por meio da ataraxia, que corresponde ao estado de tranquilidade da alma. Tal estado só é possível de ser alcançado se os homens deixam de temer a morte e os deuses. Uma vez que os deuses são indiferentes aos homens e existem somente em uma dimensão que não pode influenciá-los, a falsa crença de que os deuses “causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons” cria no homem um estado de angústia, que o impede de chegar à ataraxia.

Resposta da questão 6:
a) O excerto I caracteriza a Moral do escravo ou do fraco. O excerto II caracteriza a Moral dos nobres ou Moral do senhor ou moral dos fortes.
b) Características da Moral do escravo: ressentimento, ação como reação a partir de um mundo exterior, negação de tudo o que é diferente de si (do não-eu), passividade, vingança, dissimulação, ausência de franqueza, ausência de honestidade, pequenez, auto-humilhação, fraqueza, ascetismo, niilismo, comodidade, má-consciência, inversão dos valores nobres, decadência.
Características da Moral dos nobres ou Moral do senhor: esquecimento, autêntica afirmação de si, não separa a felicidade da ação, força (potência), atividade,

Resumo das questões selecionadas nesta atividade

Data de elaboração: 09/09/2019 às 20:57

Nome do arquivo: Atividade 3o Ano dia 12/09

Legenda:

Q/Prova = número da questão na prova

Q/DB = número da questão no banco de dados do SuperPro®

Q/prova	Q/DB Tipo	Grau/Dif.	Matéria	Fonte
1	123820..... Analítica	Baixa.....	Filosofia.....	Ufmg/2013
2	123821..... Analítica	Baixa.....	Filosofia.....	Ufmg/2013
3	122732..... Analítica	Baixa.....	Filosofia.....	Ufpr/2013
4	122730..... Analítica	Baixa.....	Filosofia.....	Ufpr/2013
5	111794..... Analítica	Baixa.....	Filosofia.....	Ufmg/2012
6	121250..... Analítica	Baixa.....	Filosofia.....	Ufu/2012